LISBOA — QUINTA-FEIRA, 26 DE MAIO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 43—10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.º
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O nosso presado colega *A Patria* pensou dar um desmentido ao que ontem escrevemos sobre o emprestimo externo dos 50 milhões de dolares.

Embora muito apreciemos a sua circunspeção em assuntos melindrosos, desta vez preferimos ser prudentes em relação á sua propria prudencia.

Confirma-se, por exemplo, o que dissémos ácerca do «ad referendum», com a variante de se substituir o governo ao sr. ministro das Finanças o que naturalmente se subentendia. Sobre o modo como as negociações se desenvolveram, acertámos.

Ficará realmente o governo com a liberdade franca de fazer compras onde quizer e como quizer, podendo pagá-las com verbas tiradas do montão de dolares?

Por muito que nós queiramos acreditar, punge-nos uma funda duvida. Aguardemos os acontecimentos, para que eles nos convençam do nosso engano. Sabemos como a agua se leva para os moinhos. Mas, aqui o declaramos, o nosso empenho é que as coisas se passem de sorte a desvanecer os nossos receios.

E, visto estarmos com as mãos na massa não podemos deixar de exprimir o nosso assombro que, por uma simples operação de tesouraria, o Estado contraia um emprestimo de 50 milhões de dolares, que montam a qualquer coisa como 500 mil contos da nossa moeda!

Se as operações de divida flutuante assim se engrandecem, o Parlamento, que é como quem diz a nação, expõe-se a aventuras e a responsabilidades apavorantes. E valerá a pena pedir emprestado tão exorbitante soma, a fim de extinguir debitos e comprar produtos para satisfazer as necessidades do nosso mercado? Não se comprometerá assim uma liberdade, muito necessaria, apenas as circunstancias actuais se modifiquem para melhor?

As compras a efetuar abrangerão sómente trigos e carvão ou tambem maquinarias e materias primas? Estes quesitos careciam duma explicação, porque reputamos de pessimas consequencias o regime de segredo, sobretudo em negocios em que todos os inconvenientes desabam sobre nós.

O facto de a Alemanha principiar a pagar aos aliados, nós incluidos, vem modificar bastante as coisas, desfazendo muitos negrumes que se acastelavam no nosso horisonte. O governo atual começa a inspirar confiança—o que tem muita importancia não só nacional como internacional. Por outro lado a furiosa especulação cambial em que se têm celebrisado algumas casas menos escrupulosas tambem está no fim. O paiz mostra-se mais que nunca disposto aos justos sacrificios.

Que o sr. ministro das Finanças diga da sua justiça, porque muito confiamos na sua palavra e na sua sciencia.

* * *

SABEMOS que o sr. dr. Julio Martins procurou o sr. ministro da Marinha para lhe pedir que, visto haver o proposito de castigar alguns marinheiros, por haverem tomado a defesa da Constituição da Republica, ele reclamava para si a responsabilidade do que se passou.

Eloquencia dos numeros
ou a
arimetica do nosso destino

CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA

31 de Dezembro de 1908	70.162.028$875
» » » 1909	70.032.156$375
» » » 1910	78.071.498$875
» » » 1911	82.421.471$875
» » » 1912	84.603.039$375
» » » 1913	86.559.240$375
» » » 1914	96.458.984$375
» » » 1915	115.019.948$875
» » » 1916	140.377.915$375
» » » 1917	193.131.127$375
» » » 1918	273.834.164$50
» » » 1919	370.627.199$50
» » » 1920	611.002.358$50
4 de Maio 1921	646.706.099$00

CAMBIOS

	Preço da Lib. Cambio de	ou Esc.
31 de Dezembro de 1908	44	5.454
» » » 1909	47 5/16	5.072
» » » 1910	49 3/16	4.879
» » » 1911	48 13/16	4.916
» » » 1912	47 3/8	5 065
» » » 1913	44 1/2	5 393
» » » 1914	36 7/8	6.508
» » » 1915	34 3/16	7.020
» » » 1916	31 5/16	7.664
» » » 1917	30 1/16	7.983
» » » 1918	34 1/16	7.045
» » » 1919	18 15/16	12.673
» » » 1920	6 3/8	37 647
4 de Maio 1921	5 3/8	44.651

Continue o leitor a ler e a meditar os numeros que andamos publicando, porque assim chegará a compreender como a libra custa hoje 44$65,1 e a circulação fiduciaria, em 4 de maio de 1921, atingia já 646.706.099$00.

Uma revolução domestica

... Pode a menina estar certa de que havemos de vencer. Temos do nosso lado toda a guarda republicana ...

COMO hoje um jornal da manhã se referia, em termos um tanto acres, ao contracto com a «Furness», não deixa de vir a pêlo preguntar:—Quanto é que o Estado recebeu pelo torpedeamento de uns tantos navios ex-alemães dos que lhe foram cedidos ou alugados pelo governo português? Alcançaremos uma resposta clara, sem enigmas de qualquer especie?

* * *

Vai ser posto á venda na proxima sexta-feira o livro «Liminar», do moço poeta Mario Alves Pereira.

* * *

Porque está incompleta a comissão administrativa interina dos Bairros Sociaes ultimamente nomeada, o sr. ministro do trabalho vae nomear nova comissão constituida por pessoas de reconhecida honestidade e competencia.

O sr. Lima Duque interessar-se-há tambem pela urgencia na conclusão do inquérito aos referidos bairros.

* * *

O nosso querido colega *A Patria* completa ámanhã um ano de existencia. Jornal caracterisadamente moderno, bem dirigido e honestamente orientado pelo espirito scintilante do sr. dr. Nuno Simões, *A Patria* conseguiu marcar durante doze curtos meses, na imprensa portuguesa, um lugar de primasia que conservará durante longos anos.

O *Diario de Lisboa* abraça efusivamente o director de *A Patria* e todos os camaradas que com o seu esforço têm contribuido para o seu triunfo.

* * *

A tradição agonisa. O dia do «Corpus Cristi» passa despercebido. S. Jorge foi obrigado a perder o habito do passeio anual equestre. Já não aparece procissionalmente na rua, bamboleando o corpo atarrachado á sela.

A tradição foge-nos, vai-se esfumando cada ano em horisonte mais distante.

Passa-se sem a procissão, é certo.

Mas quando se recorda—a delicia de recordar!—o coração bate mais apressado no peito e o cerebro, vibra mais apressadamente, talvez no desejo de progredir—voltando atraz.

* * *

ONDE reuniu o partido reconstituinte para apreciar os acontecimentos e a atitude do seu chefe?

Em casa do sr. dr. Julio Dantas.

As diversas policias alarmaram-se com o facto. Sem motivo, afime-se.

Não se tratou duma reunião severa. Foi um simples serão—áquem das larangeiras.

Fumaram-se imensos «bout doré» e nenhum partidário do sr. Alvaro de Castro conseguiu morrer de amôr—pelo actual governo.

Trocaram-se mil e vinte e três palavras sem consequencias de maior para D. Beltrão de Figueirôa.

Conseguimos apurar tudo isto ocultos por um reposteiro verde.

E pareceu-nos que os presentes apresentavam um aspecto de crucificados.

CRONICA DA PRIMAVERA

HORA DE ALFORRIA

Gaiola aberta

Este torvelinhante depois da guerra, o nosso tempo de paz furta-côres, ficará sendo a época das raparigas. Assistimos á alforria das escravas, á libertação das prisioneiras. E' a hora da emancipação das captivas. O desmurar das emparedadas. O fim da clausura. *Finis gynæcei.*

Sente-se, por onde quer, limar ferros, quebrar algemas, arrombar vedações. Há azas doidas de espaço e contentamento em nossa volta. Uma verdadeira aleluia.

Não posso deixar de achar graça a um meu amigo que, pela tarde, sempre se dispõe, segundo diz, a ir ver passar as «elinhas»—horrivel diminutivo do respeitavel pronome caro a nossos pais.

Sua susceptibilidade a Donzela, a donzela ex-garrinha de casca de ovo, atirou a corôa para casa de Dom Mafarrico, e sem escolta, sem damas de honor, sem blindagem, desandou a mexer-se em mais liberdade pela cidade e pela vida; com a desastrada pressa e a arriscada inexperiencia, é claro, de quem não estava habituada a governar-se por si.

Tem havido trambulhão de meia-noite, mas temos tambem assistido ao revelar de vocações a que seria imperdoavel não dar a liberdade de escolherem o seu caminho.

A Gata-borralheira decidiu pôr as mãosinhas de fóra. Cendrillon, do pé minusculo, capacitou-se de que a pequenez do sapato, de salto alto ou de salto baixo, não é uma indolente razão para não caminhar. E como tinha intacta a corda toda, ela aí vai, com promessas de não mais parar. Que assim seja!

Neste delirio de vôos de toda a ordem, vôos par a claridade, vôos para o negrume, vôos para a tentadora meia-luz misteriosa, para a direita e para a esquerda, há azas feridas, azas martirizadas, azas presas em nóvos laços, pobres azas tombadas no precipicio ou na cilada.

Outras quantas, porem, não aprenderão a subir, a remontar, a encimar-se? Mais duma já goza, na elevação, o prazer oxigenante do ar alto.

Na arena do vital combate, surgiu a campeã adolescente, armada de menineira audacia, emplumada de cabelos atrevidos, forte do seu orgulho virginal, bela de esperança e de ousio, ás vezes de lindo rosto, ás vezes de corpo bonito, ás vezes formosa de alma.

A arte de aprender a viver tem, em concorrencia com o aluno de sempre, a aprendiza de agora, impetuosa, irrequieta, cheia de reservas de energia, dominada por esse sôfrego espirito flexivel que, na mulher, esteia linearmente as curvas deliciosas da sua forma e as recurvas fatais da sua natureza intermitente.

E' a rapariga quem hoje dicta a lei. A saia curta triunfou na moda e nas maneiras. Há pernas á vela nas ruas, nos costumes, e até nas consciencias. A moral, como as meias, teiadaranhizou-se o mais possivel.

A senhora cedeu o lugar á menina. A mãe teve de abdicar em favor da filha. A garota, a pequena, a miuda são quem manda.

E' a mocidade, a terrivel mocidade feminina, inconsequente, nervosa, buliçosa, quem rege a sociedade tão desvairada, mas tão curiosa, que por si, petulantemente, se rebola, quanto ao fisico e quanto ao moral.

Lisboa, então, esta amoruda Lisboa, hipocrita e insatisfeita, foi subvertida por uma pululante e atabalhoada avalanche de caixeiras, dactilografas, empregadas, chasistas, amadoras, poeticulas, grafomaniacas, animatografeiras, que, numa terra onde muitas cabeças já tinham o hábito de andar á roda, desencadeou nos espiritos e nos modos um estouvamento delirante.

Quando um bando de meninas entrava em qualquer local, eram obrigatorias a algazarra e a animação. Que se terá dado, portanto, numa cidade tomada de assalto por toda uma legião de raparigas, ávidas de liberdade e movimento após seculos de clausura e restrições?

Nesta sociedade em reboliço, a mulher talvez não seja a rainha, nem mesma a princeza, mas é, toda regalada e saltitante, o passaro á sôlta, a ave da gaiola aberta, de gaiola sem porta até mesmo sem gaiola nenhuma, indo dum poleiro para outro poleiro de acaso. Vivemos o tempo das pardalocas.

Os pessimistas carpem-se, de olhos em terra. Os espectadores menos amargos, olhando para cima, acham engraçado e animador o vôo desse milhar de azas novas que se cruzam e adejam e volitam, e se precipitam umas, enquanto outras se elevam.

As poucas que vão mais altô, temerarias, felizes, bastam para lhes fazer esquecer as que ainda não tiveram tempo de aprender a não serem só um coração.

Manuel de Sousa Pinto

Companhia de Seguros Luso-Brasileira

"Sagres"

Assembleia geral

E' convocada a Assembleia Geral desta Companhia para a reunião ordinaria que se ha de realizar no dia 8 de Junho proximo, pelas 15 horas (3 da tarde), na sua séde, rua Aurea, 191, 2.º, para:

Discutir e votar o relatorio e contas da direcção e parecer do Conselho Fiscal, referentes ao exercicio de 1920.

Eleição dos corpos gerentes e conselho fiscal, em conformidade com o artigo 16.º dos estatutos.

O presidente da Assembleia Geral

(a) *Arlindo da Costa Correia Leite*

FILOSOFIA UTIL

A HEGEMONIA

Anglo-Saxonia

No momento actual cada dia está dando assunto de bem grande importancia para séria e funda reflexão.

Tanto os acontecimentos de Portugal como os do estrangeiro nos mostram, decididamente, que terminou para a Historia o periodo em que os grandes homens, imperadores chanceleres, presidentes ou parlamentares dominavam as correntes politicas e administrativas. Terminou a preponderancia dos talentos, intuitivos no poder, no livro ou na imprensa, aparecendo indiscutivel a necessidade da especialisação, vasta e penetrante, para os homens a quem vai a função coordenante dos actos sociais e economicos.

Foi-se o tempo das ilusões de glorias militares e de preponderancias e privilegios exclusivos no comercio ou industria.

As palavras de um Lloyd George ou de um Briand quando inspiradas por sentimentos pessoais, ou nacionais, derivados de simpatias ou antipatias, nada influem na marcha final dos acontecimentos. São fluxos e refluxos das vagas que quebram na praia, com ruido e brilho mas sem poder algum modificador do ritmo magestôso do oceano. Mal vai ao povo que perde o seu tempo na contemplação emocionante das velhas banalidades do palavreado meramente eloquente, ou irritante, e malograda é a acção dos dirigentes que se não inspiram de um estudo profundo e esgotante das vagas da agitação social, e da natureza intima dos poves, em procura dos movimentos ritmicos dentro dos quais é possivel exercer a sua acção coordenadora de uma maneira proficua e permanente.

Depois da inutil e desagradavel troca de palavras entre Lloyd George e a imprensa francesa, a que alguns dos nossos grandes jornais deram uma importancia desmedida, pronunciou o ministro da America do Norte em Londres, o sr. Harvey, outras de bem maior alcance, não sómente pelo que valem em si mas tambem, e principalmente, porque conjugam as firmes vontades das duas nações mais laboriosas, mais pacificas, mais coerentes, e por isso mais utilitariamente justas, mais ricas e mais poderosas: a America do Norte e a Inglaterra. Vou traduzi-las e juntar-lhes-hei aquelas em que Lloyd George se fez, na mesma ocasião, interprete exacto do sentimento britanico.

E' necessario fazer notar a excepcional oportunidade destes discursos pronunciados num grande banquete anglo-americano em Londres, no momento em que o presidente dos Estados Unidos, reatando a sua colaboração com os aliados, põe nas palavras do seu embaixador «em Londres», escolhido para seu representante «na conferencia dos aliados», a razão moral e politica da sua atitude. A Inglaterra tem escolhido os seus embaixadores junto da White House com um cuidado muito especial e tenta agora o mais americano dos ingleses, homem de larga experiencia, simpatia e poder de atracção, o sr. Geddes que se lê como Guedes em português. Essa atracção tem-a ele exercido eficazmente e a ele se têm chegado muitos e dos mais influentes americanos em todos os campos de trabalho e actividade. Ora foi precisamente num banquete oferecido por um grande numero desses «peregrinos» americanos que se acham nas ilhas britanicas em estudo das coisas inglesas, e perante representantes da casa real, e do governo, que o embaixador pronunciou o seu discurso, com o ar mais de casa, mais afavel, mais anglo-saxonico possivel, dando-nos a impressão de valores entendidos. Não sendo do meu papel no jornal o perder-me em minucias de reportagem, mas sim o de sintetisar as tendencias para grandes acontecimentos, limitar-me-hei á tradução dos periodos mais expressivos da aproximação anglo-americana e da sua comum repulsão pelas ninharias, complicações, e violencias da tradicional politica europeia.

Depois de dizer que a America do Norte não terá nunca afinidade alguma com a Liga das Nações, referiu-se a «o serio desejo e determinação dos dois povos para assoprar em nada as nevoas da má expressão e do mal entendido que por tempo já excessivo esconderam a cada um a verdadeira natureza do outro». E acrescentou. «Eu faltarei miseravelmente á minha missão, com amargo desengano do meu Presidente, se não der grande força aos laços da nossa amisade e mutuo auxilio. O meu paiz está em pé, pronto a trabalhar com o vosso, porque isso é vantajoso para o americano em primeiro logar e para os dois tambem». E finalmente: «Ainda há quem pense que enviámos os nossos soldados á Europa para salvar a Inglaterra, a França e a Italia. Não é assim. Mandámo-los apenas para salvar os Estados Unidos da America do Norte e com grande relutancia o fizemos. Não tivémos o orgulho de combater seja qual fôr o sentido desta palavra. A verdade é que nós tivemos receio de não combater».

Lloyd George por sua vez disse que a Historia da Europa criou tais e tantas tradições de dominio e violencia que «...depois de cada vitoria o vencedor dizia—esta é a vitoria final—mas a vingança trazia maior vingança e era seguida de outra ainda maior. A violencia aumentava a cada novo golpe» e «Se esta não fôr a ultima guerra a Europa ficará em cinzas» e «Damos as boas vindas a esta nova potencia (America), vigorosa, de espirito claro, estranha a estas velhas brigas». «Estamos contentes pela entrada da America do Norte, não porque nelas a queiramos envolvida, mas para nos ajudar a sair delas».

E disse o embaixador americano: «O presidente da America, desde que poz a mão á charrua não é pessoa que recue e ele declarou que os Estados Unidos hão de tomar a sua parte na pacificação do mundo».

E' o primeiro passo para a dignificação da Alemanha, inimigo de ontem, medindo e pesando bem os interesses de facto, mais que os de sentimento, capazes de equilibrar a Europa.

José de Matos Braamcamp

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇÃO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO

Escritorios: { Nas termas.
{ Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

LAVOURA MECANICA

Promovidas pela Empresa Agricola Portugal e Ultramar, Limitada, realizam-se no proximo domingo, ás 3 horas da tarde, em Vila Franca de Xira, nos terrenos fronteiros á quinta das Areias, propriedade do Ex.mo Sr. José Pereira Palha Blanco, experiencias de lavoura mecanica com a auto-charrua alemã W. D., (não é um tractor), genero de maquina novo em Portugal.

Foi graças ás auto-charruas W. D., Stock e outras, que durante a guerra a Alemanha conseguiu manter a sua lavoura em grande prosperidade, apesar da enorme falta de braços.

Os comboios convenientes são o tramway que parte do Rocio á 1,20 e para regresso o que sai de Vila Franca ás 7,20.

ARTE & LETRAS

O HOMEM QUE NÃO SABE ESCREVER

por JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

O maior desgosto de Domingos Dias Santos era não saber escrever. A sua vida estava cheia de desgostos, mas todos se resumiam em um unico — não saber escrever.

Domingos Dias Santos, mais conhecido pelo Domingos, ou o Dias, ou ainda o Santos, só, sem mais nada, era natural da rua do Alecrim. Tinha a instrução primaria, o curso dos liceus, com sexto e setimo de letras, depois Coimbra até ao fim, com três anos a mais, e não sabia escrever — o seu desgosto.

Tendo feito um exame seriissimo de consciencia, observou que a unica coisa que ele podia ter adquirido nos liceus e universidades era saber escrever, contudo, nem isso, estava exatamente como tivesse nascido hoje, sem nada.

Tinha lido muito, demais tinha a impressão de ter lido tudo, e, talvez, que fôsse isso o que o emperrasse na escrita; mas, o que não havia duvida nenhuma é que, sempre que se sentia acometido de uma vontade irresistivel de escrever e a isso se resolvia, ficava absolutamente vasio só pelo facto de ter pegado na caneta para começar. Será assim a ausencia de vocação para escritor? e as hesitações sucediam-se no seu espirito, tão atabalhoadamente, que o pobre Dias já anuncia em nunca mais ter vontades irresistiveis de escrever.

Todas as manhãs dava ordens para que lhe comprassem todos os jornais que há, e lia, um por um, lia todos e parecia-lhe, coitado, que aqueles jornais eram todos escritos por pessoas que, como ele, não sabiam escrever. Então, punha-se a pensar que isto de não saber escrever pode não ser um grande desgosto. E, talvez, que sim; ele é que era um exagerado, aumentava tudo, tudo era para ele motivo de miseria ou de violencia, talvez que ele tivesse sofrido por não saber escrever, mais do que a conta do que se deve sofrer por isso.

Domingos Dias Santos nunca tinha pensado assim, sentia-se ousado em julgar mal escritos tantos jornais, revistas e livros assinados por tanta gente de acôrdo. Já não era a primeira vez que ele se reconhecia tão forte quando estava sósinho a julgar os outros. O pior era, sem duvida, quando ele deixava de estar sósinho e vinha ter com os outros, estes tinham maneiras tão diferentes e tão legitimas, que o pobre Domingos ficava completamente vasio, tal qual, como quando pegava na pena para escrever.

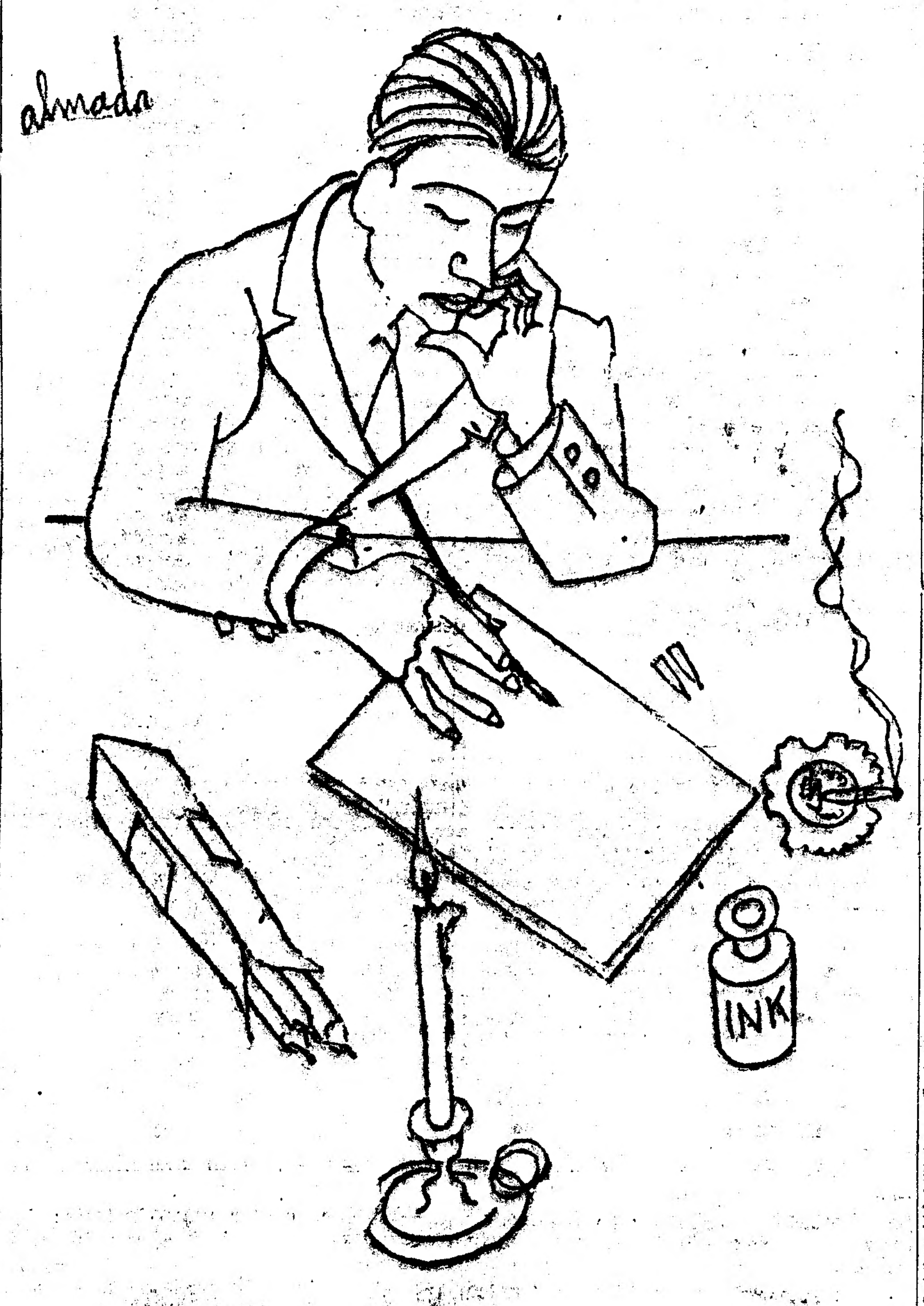
— Nada, aqui há de haver saida por fôrça! pensava o Dias com a cabeça o mais para diante possivel, e prometeu a si próprio não largar dentre mãos o assunto, até que a cabeça já não pudesse mais.

***

Naquela noite, depois do jantar, Domingos não saiu. Tinha comprado um frasco de tinta inglesa, um caderno de papel, caneta, três aparos, uma fôlha de mata-borrão e um pacote de velas de estearina. Fechou a porta á chave e sentou-se claramente para escrever.

A primeira surpreza foi o assunto: Domingos observou que tinha comprado tudo o que é necessario para escrever, mas faltava-lhe o assunto. Tinha-se esquecido do assunto; não pode uma pessoa lembrar-se de tudo, nem admira, a primeira vez... E o assunto não vinha. Havia umas palavras que apareciam em cima de textos por escrever, palavras impressas em letras maiores, distintas, mas estas palavras sofriam de falta de novidade, estavam cansadas de servir de titulo a tantos, que precisam de ganhar dinheiro para levar para casa, coitados.

Mas, naquela noite, Domingos estava plenamente resolvido a dar um passo em frente, desse lá por onde



desse. Hesitou imenso se deveria começar por uma dissertação sobre o outono, ou por uma apologia da humildade, ou outra escolha ainda mais feliz, em que ele caisse de seguida na simpatia de certa gente de gôsto. Mas, de repente, veiu ao de cima uma revolta. Não! isto é contemporisar, eu sou eu, se aceito os outros, tais quais o são, tambem exijo que me reconheçam, e optou por uma tirada de sinceridades individuais e regionalistas, que não podiam, portanto, deixar de ser originais. Começou logo a apertar os nervos na direcção de sinceridade, e a preguntar a si próprio o que ele conhecia e o que sabia, conseguiu ir tão longe por essa divagação de apuro, que acertou comsigo, ali sósinho na água-furtada da rua do Alecrim, sua terra natal. Pobre regionalismo este, nem ao menos tinha nascido, para gloria da literatura, lá em terras de provincias afastadas, aonde se fala arrevesado e antigo, tão antigo, que já está na ultima, já quasi que não serve. Pois a quem podia interessar a vida de um Domingos numa água-furtada da rua do Alecrim? Não há duvida, para ser escritor é necessario ter frequentado uma paisagem decente ou um panorama vistoso; não é agora um esconço destes, que pode dar novidades ao mundo!

Domingos estava farto de molhar o aparo no tinteiro e o papel continuava branco, da loja. Que dificil que é dar um passo em frente!

Depois, constatou que, talvez, estivesse a forçar-se mal, porque ele pretendia, por sinceridade, apenas, o rialismo quando é verdade, que a sinceridade não põe em nada de lado a imaginação. E, então, a cabeça deu um salto bestial dali, da água-furtada, para as paragens biblicas e outras, que, talvez, nem houvesse. Esboçou entusiasticamente a descrição da passagem do Nilo pelas tropas do Pharaó, com os promenores todos, tais quais, mas, antes mesmo de começar a escrever, reconheceu-se sem dados bastantes, não só para atingir a temperatura do Egipto por aquelas idades, antes de Cristo, como tambem para manter um certo rigoroso de indumentaria e Historia, sem as quais ninguem seria susceptivel de convencimento. Até que emfim, já tinha um assunto, este do Egipto, era só questão de ámanhã ir consultar a biblioteca. Ficava decididamente para ámanhã.

Em todo o caso, podia ir ganhando tempo, exercitando-se em pequenos detalhes e, para facilidade de técnica, mesmo para não ficar muito feito, mais expontaneo. O quarto estava cheio de fumo. Foi pôr a janela de par em par. O Tejo pareceu-lhe o Nilo Verde. Tomou uma atitude de pharaó, e todo aquele panorama da Ribeira do Tejo sujeitava-se noturnamente á imaginação crescente. Varias vezes já, tinha-se precipitado sobre a mesa para escrever grandes imagens literarias de que ele próprio ficava admirado de terem sido da idéa dele, mas de todas estas vezes, como uma sina, como uma maldição, o papel continuava branco, como na loja.

Todas as recordações do Egipto do terceiro ano dos liceus estavam sendo feitas condignamente, apenas algumas precipitações de vez em quando, e doutras vezes erros crassos e imperdoaveis, quando, sem o esperar, bateram timidamente á porta do quarto. Não era costume, era quasi meia noite, e a maneira de bater... o que haverá?

— Quem é?

— Dá licença, sr. Domingos?

Era a Rosa, a criada da pensão, que vinha como nunca, longe da mimica atarefada do arranjo dos quartos, como uma pessoa natural, que não está em serviço.

— Venho incomodar?

— Não. O que há?

— Nunca lhe pedi nada ao senhor Domingos... se não fôsse muita necessidade, não lhe pedia... mas eu nunca estive na escola... não me ensinaram os numeros e as letras... escrevia uma carta ao meu rapaz, sr. Domingos?

Domingos Dias Santos disse que sim, sentou-se, e esperou que ela ditasse:

— Meu querido João do coração.

Estimo que ao receberes esta te vá encontrar de boa saude em companhia da tua mãe e da tua irmã a quem mando muitas e muitas saudades. Dá tambem saudades minhas á minha mãe e diz-lhe que fico bem. Esta tem por fim dizer-te que ainda não me esqueci de ti e que vou depressa para a terra com saudades do meu querido João do coração.

Pede o carro emprestado ao primo Izidro e vai-me esperar á estação com o carro quando eu to mandar dizer. Mais te tenho a contar que não é preciso nada eu estar aqui e fico só para acabar o mez.

Tua querida Rosa do coração e saudades.

Envelope:

João Firmino da Rosa. — Moinhos da Charneca. — Fatima.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4233 — S.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Avelino de Almeida Garrett

Tem a bondade de se sentar, sr. Avelino de Almeida... Hoje, se me dá essa honra, toma comigo uma chavena de chá... Prometo não o demorar muito, apenas o tempo suficiente para fazer mais uma daquelas sortes de prestidigitação que o sr. Avelino de Almeida aprecia tanto: transformar algumas folhas de chá numa folha de papel... Eu podia ir mais além no meu ilusionismo... Eu podia escamotear o sr. Avelino de Almeida, embrulhá-lo nesta cronica, como num lençol, faze-lo desaparecer, certo de que amanhã ressuscitaria em «ecos e comentarios»... Mas não. Eu não quero roubá-lo, um momento que seja, aos seus admiradores, entre os quais me incluo. O que seria de Garrett sem o seu paladino, sem o sr. Avelino de Almeida, o que seria de Almeida Garrett sem Almeida? Seria Garrett, seria uma casa de chá...

Sim, meu excelente amigo, eu sou um ilusionista. Proclamo-o com orgulho. Para mim, a Arte é o grande brinquedo da Vida. Fazer Arte é jogar ás escondidas com o Creador, é desmentir a Natureza, é malabarisar tudo quanto existe, fazer do sol uma grande péla, uma bola que anda, constantemente, das nossas mãos para as mãos de Deus... Aliás, ser artista é ser Deus, é corrigir qualquer errata que se encontra na Vida... Deus escreve á pressa demais. Precisa de alguns homens que sejam deuses, para lhe reverem as provas...

O sr. Avelino de Almeida tambem não se engana quando descobre, com um grito de triunfo, que a minha Arte é uma arte de alfaiate. Não tenha duvidas... Eu quero ser o Toiret da Arte portuguesa, esta arte lamacenta, esfarrapada, quasi nua, sem maquilhagem, sem perfume, sem uma seda, sem uma fita, sem um bordado, sem um fio de oiro... Eu quero vesti-la, eu quero disfarçá-la, quero que ela saiba apresentar-se, quero que ela não faça má figura no grande baile da Europa, esse baile onde a Arte portuguesa lembra uma alcoviteira, com a caixa de rapé, a capa negra, e um grande lenço branco a envolver-lhe a cabeça... Sim, meu caro amigo, meu talentoso camarada, eu ando a desenhar os figurinos para a nossa Arte. As minhas frases são maquettes *que outros desenvolverão. Portugal ou será um* ballet Russe*—ou não será...*

Estranha o sr. Avelino de Almeida que eu não tenha chamado a Paris um realejo, que tenha preferido chamar-lhe orgão de Barbaria... Eu chamo orgão de Barbaria a Paris porque é essa a expressão onde eu o encontro, o meu Paris dissonante, civilisado e barbaro, com bonecos a mexerem-se, coloridos e sinteticos... A palavra realejo reservo-a para Lisboa, esta Lisboa egual, esta Lisboa—lugar comum de nós todos, esta Lisboa onde a arte não passa de um berimbau...

Resta-me agradecer ao sr. Avelino de Almeida, um jornalista leal, todas as boas palavras que quiz ter para a minha mocidade (com que ternura eu escrevo esta palavra...) e agradecer-lhe tambem a atmosfera de interesse e de irritação que levantou em volta da minha frase «o maior pecado da Arte de Garrett foi nunca ter ido a Paris... atmosfera que me obriga a incluir essa frase na terceira edição da «Teoria da Indiferença...

Antonio Ferro

MÁ-LINGUA

"A torto e a Direito"

Revista academica, de despedida, que se realisa em S. Carlos na noite de 30.

«—Nós outros, quintanistas de Direito,
com arte primorosa e nunca vista
vamos levar este ano uma Revista
que ficou, podes crer, coisa de geito...

E eu que ando atraz de um sonho insatisfeito
sempre encontrando, amor, quem me resista,
e ouvindo só o coração, no peito,
deixo a razão dizer-me que desista...

Eu que gosto de ti, e tristemente
vejo o meu sonho espedaçado e rôto,
tambem me curvo á lei omnipotente:—

—A Tradição!—(—Lei que ninguem viola—
Inda mais decotado do que o Boto,
lá vou dançar... Vestido de *espanhola!*

Taço

O QUE AINDA SE NÃO DISSE

A carga do "Cheruskia"

O sr. dr. Virgilio Correia, entrevistado pelo "Diario de Lisboa", conta pitorescamente como umas mãos grossas e pesadas quebraram algumas preciosidades assirias

Uma declaração prévia do ilustre etnologo—Como a carga veiu para terra—Onde está—A avaliação do Tribunal do Comercio—O sr. Perry Vidal em scena

Logo no principio da entrevista o sr. dr. Virgilio Correia á laia de prologo declarou-nos que não queria que lhe chamassemos ilustre arqueologo. E como nós surpresos por este pedido buscassemos uma explicação, Virgilio Correia deu-nos esta:

—Em Portugal todos são ilustres e quem quere é arqueologo mediante a cóta singela de cincoenta centavos, paga ao tesoureiro de excelsa associação, que tem paradouro acolá no convento do Carmo.

—Portanto?...

—O mais que consinto que me chame é etnologo.

E depois deste prefacio pitoresco o nosso já consagrado etnologo entrou de nos cronicar a preceito a carga do «Cheruskia», com factos de mão cheia, que o leitor vai lêr e vai admirar.

—A minha opinião, sobre as preciosidades assirias, foi o que em primeiro lugar me pediu, não é assim? Ela já foi difuzamente exposta, numa serie de cartas que escrevi para alguns jornais, em Julho de 1917 e em Dezembro de 1919.

—O que disse então?

—Defendi a intangibilidade da carga do «Cheruskia».

—Porquê?

—Porque sou partidario que as obras de arte de cada paiz lhe devem pertencer.

—Só por essa razão?—interrogamos.

—Não! Há ainda a considerar que só a Alemanha as poderia aproveitar scientificamente, porque nas suas largas excavações criara especialistas no assunto, porque dispunha de instalações e meios de divulgação que não possuimos, e sobretudo porque só ela poderia estabelecer a identidade de cada uma dessas preciosidades, visto possuir os cadernos de excavação em que cada objecto era numerado e descripto, unica fórma de se fazer a relacionação directa entre eles e os edificios onde foram encontrados. Foi esta opinião que defendi em 1917.

Como o sr. dr. Virgilio Correia continuasse a desenvolver as suas opiniões, o jornalista temendo que elas levassem a conversa para muito longe, atalhou interrogando:

—Conte-nos agora a historia tragicoburlesca da carga do «Cheruskia».

E dissemos assim porque o nosso entrevistado já em tempos nos deixára entrever um pedaço dessa historia muito interessante e muito risivel.

—A carga do «Cheruskia» estava entregue ao Tribunal do Comercio. Era preciso arranjar um depositario...

—Um depositario?

—Sim; Todas as cargas dos navios alemães tinham que ter por lei um depositario.

E prosseguindo:— Ninguem quiz responsabilisar-se pelas preciosidades assirias, alegando-se para isso varios motivos...

—Um deles?

—A falta de tempo. Procuram-me e deram-me esse encargo. Aceitei então ficar depositario de 448 caixotes que foram transportados para dois depositos: um em Santos e outro em Alcantara...

—E as reclamações diplomaticas...

—Iamos entrar agora nesse capitulo. Após o desembarque, a Inglaterra quiz saber o que continha a carga do «Cheruskia». Abriram-se então 6 caixotes na minha presença e na de Matos Sequeira Essa abertura veio corroborar uma opinião antiga.

—Qual?

—Que não se devia mexer nos caixotes porque os objectos já não ficavam empacotados convenientemente, perdendo-se tambem alguns numeros que os correlacionavam com os cadernos de escavações. Mais tarde o Tribunal do Comercio para instrução do processo necessitou de avaliar as peciosidades assirias e convidou para isso algumas pessoas de categoria que se negaram alegando falta de competencia...

—Então?

O sr. dr. Virgilio deteve-se um instante, sorriu-se retendo a revelação que ia fazer aos nossos leitores, aquela revelação que ele já nos confiara particularmente.

—Então o juiz á falta de melhor e «por as pessoas idoneas não terem podido exercer tal cargo», nomeou o sr. Perry Vidal!

—O gordo, não é?—interrogamos.—Aquela corpulencia refastelada que se rebola ás 5 horas Rocio Chiado acima? colunas ante as pupilas banzadas de todos aqueles que pela arte têm dois milimetros de consideração.

—Foi uma desgraça! Assisti á abertura de alguns dos cem caixotes que o sr. Perry Vidal avaliou por grosso á razão de 100 e 200 escudos e vi coisas, coisas...

—Mas diga, diga!

E o sr. dr. Virgilio Correia delicadamente para não ferir susceptibilidades disse:

—Tive ocasião de ver quanto era prejudicial o mexer-se nos caixotes, visto que ao desempacota-los o sr. Perry Vidal partiu alguns barros e inscrições de alto valor artistico.

—E o que fez o sr. Virgilio Correia?

—Barafustei, clamei, gritei em todos os tons. Ouviram-me e consegui que a abertura dos caixotes, se detivesse aí por alturas do centesimo.

A entrevista apesar de interessante ia um pouco longa. Notámo-lo ao ilustre—perdão!—ao brilhante etnologo e este com gentileza, com amabilidade concluiu:

—Vou-lhe contar uma historia: Uma vez apareceu em Lisboa um judeu inglês de nome Samuel Jahuda que pretendia dos arqueologos portugueses a entrega da carga do «Cheruskia».

As preciosidades assirias, iriam para a Mesopotamia, com o beneplacito da Inglaterra que nessa ocasião, segundo o dr. Jahude, queria dar áquela região a sua independencia e todos os tesouros que os estrangeiros lhe tinham extorquido. Era nesta qualidade que ele vinha e foi na qualidade de não ser diplomata, nem delegado de nenhuma potencia aliada que ele foi recambiado á sua origem.

Vamos ficar sem electricos?

Tentando evitar a gréve

Uma comissão delegada do pessoal dos electricos cumprimentou hoje o sr. ministro do interior e ocupou-se da sua situação e das reclamações em litigio com a Companhia. O sr. general Abel Hipolito agradeceu as felicitações e declarou aos delegados do pessoal dos electricos que o governo havia pedido ao sr. dr. Augusto Soares para continuar como intermediario. Aguarda, portanto, os seus trabalhos, e tem a melhor boa vontade de conciliar todos os legitimos interesses.

NUESTROS-HERMANOS

O sr. Eloy Bullon na tribuna de São Bento

A amisade hespano-portuguesa

Não se admirem os leitores se a crónica tiver um gôsto acentuado a «manzanilla», o fruto perfumado da arvore amiga, que dá uma sombra propicia aos beijos dos namorados.

A razão é simples: o cronista foi ouvir ontem o sr. Eloy Bullon, que vem tomar parte, como representante da Espanha na Conferencia Internacional Parlamentar de Comercio. Ora «nuestro eminente hermano» marcou um lugar interessante na tribuna do Parlamento português.

O primeiro vice-presidente da Camara dos Deputados espanhola, que em cinco minutos se revelou um orador parlamentar de largos recursos, seguindo a praxe estabelecida, começou por dizer algumas palavras protocolares em francês, salientando o papel da Espanha nos trabalhos das anteriores conferencias.

Mas, quando quiz pôr alma nas suas palavras, invocando a vizinhança e os laços de amisade que ligam os dois paises peninsulares, o orador ganhou azas na lingua de Cervantes, e o seu verbo claro, fluente, cheio de imagens ricas, galgou a distancia que o separava do idioma de Voltaire e revelou-se aos portugueses em puro castelhano — a lingua irmã da lingua de Camões.

O sr. Eloy Bullon conquistou decididamente a nossa simpatia. Não tenham ciumes os ilustres representantes das nações amigas na conferencia inter-parlamentar...

Porquê não havemos de provocar uma aproximação mais estreita entre portugueses e espanhois, dentro dos limites marcados pelas boas normas, de elegancia e de direito internacional, quando todos teriamos a lucrar com esse estreitamento de relações, que poderia tornar a Peninsula num bloco cheio de fôrça e digno de ser respeitado e á altura de fazer ouvir a sua voz no concerto das nações!?

Entre Portugal e Espanha há simplesmente uma zanga de namorados. Numa determinada altura, já lá vai há tanto tempo, a mantilha quiz ter predominio sobre o chapeu braguês; os dois armaram-se, então, voltando as costas cada um para seu lado, e a Espanha ditou a frase ponto final na historia breve do nosso idilio: «manda-me as cartas, amor...»

Porque não reatamos hoje, sem o abuso de certas liberdades que os namorados se permitem e que fazem muito mal ao peito, o «flirt» interrompido há tantos anos? E' certo que já temos cabelos brancos, mas nem por isso deixaria de ser menos enternecida esta amisade de dois velhinhos, a contemplar o passado com olhos de saudade, rasgando na historia do nosso idilio aquela pagina de desavença que tivemos quando meninos, e olhando para o futuro com olhos radiosos de esperança, porque melhores dias se aproximam, se soubermos dar-nos as mãos fraternalmente.

Norberto Lopes

A CIDADE

NO TEATRO S. LUIS

As operetas "O Reisinho„ e "Boa Viagem„

Uma "reprise„ e uma "première„

Afirma um jornal da manhã que a opereta «O Reisinho», ontem ressuscitada no S. Luiz para festa artistica do actor-cantor Fernando Pereira, deve fazer carreira.

Estou quási de acôrdo com o vaticinio. O «Reisinho» deve fazer a curta carreira.

As condições de agrado da peça, que já de si não são muitas, e o esforço probo de alguns dos artistas que a interpretaram, não são suficientes para garantir-lhe uma longa vida de cartaz. Nem a montagem e enscenação, deficientissimas, nem o guarda-roupa, pauperrimo, podem ajudar o «Reisinho» a triunfar.

Afóra três ou quatro figuras principais, actores, actrizes, coristas e figurantes vestem trajos já muito vistos, já muito conhecidos, a suplicar reforma com vencimentos por inteiro.

Disseram-me que toda aquela miseria é propriedade do sr. Galhardo. Muitos parabens.

Aqueles oficiaes do primeiro acto parecem cabos de rancho. Uns quási estouram dentro das fardas; outros quási se perdem dentro delas.

Passo ao desempenho. Fernando Pereira, o festejado, cantou com voz e com acerto e representou honestamente.

A sr.ª Aldina de Sousa, usando e abusando da sua voz potente, não conseguiu, comtudo, brilhar. Esteja certa de que uma actriz de menos recursos vocaes e mais alma, desempenharia muito melhor o papel, Todos nós sabemos já que a sr.ª Aldina de Sousa canta. Não é; pois, necessário gritar tanto para nos convencer...

Da sr.ª Beatriz Gouveia há que dizer que atravessou toda a opereta garbosamente.

Henrique Alves creou mais um tipo feliz e contribuiu com o seu belo talento para desfazer no espirfito do espectador muitas impressões desagradaveis sobre a peça.

A orquestra hesitante. O maestro Luiz Gomes, como sempre exuberante de gestos irritantes, divorciou-se por vezes, demasiado, do que se passava na ribalta. Aquele sistema de abaixar-se e de arrancar a pulso a orquestra da cave não dá brilho á musica e é inestetico.

Córos regularmente desafinados e a «mise-en-scène» a gritar angustiada pelo sr. Armando de Vasconcelos.

«Boa viagem», alcunhada de opereta no cartaz, é um curto episódio musicado que por despretencioso se ouve complacentemente. Tem aspectos das «Pupilas do senhor reitor», sem lhe faltar o Zé das Dornas.

Bailes de roda, descantes, um dueto e pouco mais.

A sr.ª Auzenda de Oliveira, graciosa, frágil, gentil, ministrou á peça a dóse de frescura indispensavel para a tornar simpática. O baritono Armando Saraiva cantou sem dificuldade a sua parte, a contento do publico. Beatriz Gouveia, Fernando Pereira e Sebastião Ribeiro, aguentaram-se. Guarda-roupa da mesma marca do «Reisinho».

A peça foi escrita para ser representada só na noite de ontem. Boa viagem.

Sarmento Duque

Reparações de linhas ferreas

O sr. engenheiro Manuel Domingues dos Santos, chefe do gabinete do sr. ministro do Comercio, foi ao Minho, na qualidade de chefe do movimento dos caminhos de ferro do Minho e Douro, a fim de verificar os estragos causados pelos recentes temporais na linha do Douro.

O INCENDIO DESTA MADRUGADA

Na igreja de S. Mamede

O templo foi completamente destruido pelo fogo—O incendio começou pelo altar-mór e propagou-se rapidamente a toda a egreja—A quanto montam os prejuizos

Como se salvou o prior sr. José da Silva Livramento—O estado em que se encontra a nave da igreja—A visita do sr. Cardeal Patriarca—Um seguro de 15 contos

A igreja de S. Mamede foi devorada esta manhã por um incendio pavoroso, que, apesar dos esforços empregados pelos bombeiros, não poude ser localisado, devido á grande falta de água que se fez sentir, como sempre, e ao incremento que o incendio tomou rapidamente. Proximo das quatro da madrugada, o guarda noturno da área de S. Mamede notou que da igreja saia uma leve coluna de fumo, que se tornava cada vez maior, não tardando que as chamas se elevassem a grande altura do lado da capela-mór, onde se supõe que tenha começado o fogo.

Comunicado o alarme para os bombeiros, compareceu imediatamente todo o material de incendios, que foi superiormente dirigido pelo comandante João Baptista Ribeiro.

Onde se manifestou o incendio

Segundo todas as probabilidades, o incendio devia ter origem nalguma vela que não ficou completamente apagada, depois de se ter realisado na igreja a ultima cerimonia religiosa, que foi a celebração do mês de Maria, pelas 19 e 30. Um dos fieis que assistiram ao culto, viu cair do altar uma vela, que tornou a ser colocada no seu lugar. E' de supôr que o morrão tivesse incendiado alguma toalha do altar, que ardeu a pouco e pouco, comunicando por fim com as madeiras e fazendo levantar grandes chamas.

Os bombeiros dispuseram rapidamente o material, lutando a principio com falta de agua, o que não lhe permitiu atalhar o fogo ou localisá-lo simplesmente ao altar-mór.

O prior de S. Mamede consegue salvar o relicario

Numa casa pegada á igreja vive, com sua familia, o páraco da freguesia de S. Mamede, prior sr. José da Silva Livramento, que foi surpreendido pela chegada dos bombeiros, querendo a todo o custo entrar na igreja para salvar o relicario, o que não lhe foi permitido pelo comandante, atendendo ao grave risco que podia correr, visto como o incendio lavrava já pavorosamente por todo o templo. No entanto, com a ajuda do sr. prior, um bombeiro conseguiu ainda salvar o relicario.

Pouco depois da meia noite, segundo nos disse o prior de S. Mamede, uma senhora da sua familia foi á tribuna, não dando conta do incendio, que a essa hora ainda não se tinha manifestado. Em casa costumam deitar-se quasi sempre depois da uma da manhã e ninguem se apercebeu do perigo que a igreja corria.

O templo ficou roduzido a escombros

O rescaldo continuou durante uma parte do dia, ficando a igreja reduzida a escombros. O telhado foi completamente destruido, conservando-se as paredes em pé. As chamas lamberam quasi todos os altares, salvando-se milagrosamente a capela do Santissimo e o altar da Senhora da Conceição, onde o fogo não causou dano. O orgão ficou tambem destruido. No seu nicho, a Senhora das Dôres está toda carbonisada, tendo-se perdido o diadema e o punhal de prata que tinha cravado no lugar do coração.

Numa das paredes do templo conserva-se intacta uma oleografia da Senhora do Perpetuo-Socorro, envidraçada e protegida por uma moldura.

A nave da igreja, que foi reconstruida depois do Terremoto, é um amontoado de telhas e caliça. Numa dependencia do templo, vê-se a imagem do Senhor dos Passos, carbonisada, já sem uma perna e numa atitude de espanto, como um corpo sem vida, surpreendido por morte dolorosa.

O esqueleto de Santa Bonina, que estava metido dentro duma urna, coberto por uma rêde fina de arame, que lhe desenhava as feições, foi calcinado pelo fogo, bastando tocar-lhe com um dedo para os ossos se desfazerem. Disse-nos o sacristão que aquela santa esteve durante muito tempo votada ao desprêso, mas que ultimamente já tinhà muitos devotos.

—Veja que até parece mais bonita depois do incendio!

O sr. cardeal patriarca visita a igreja

Além dos paramentos, salvaram-se ainda muitos objectos de valor e algumas imagens. O sr. cardeal patriarca, que se mostrava consternadissimo, visitou de manhã a igreja, tendo-se passado uma scena comovente entre ele e o prior de S. Mamede:

—Meu amigo, é preciso que os catolicos procurem, pelo seu esfôrço, restaurar a igreja.

Depois de ter percorrido as ruinas, o sr. cardial patriarca pediu que o informassem de tudo, despedindo-se dos bombeiros e das pessoas que o acompanharam:

—Todos fizeram o que foi possivel. Em nome de Deus, lhes agradeço a todos.

O sr. patriarca deu ordem para ser celebrado o culto na sacristia, a fim de não haver interrupção.

A igreja de S. Mamede estava segurada em 15 mil escudos.

Liga Luzo-Brasileira

Reunião da comissão directiva

Reune no proximo sabado, ás 17 horas, na sua séde provisoria no salão da «Agencia Americana», á rua Antonio Maria Cardoso, a comissão directiva da Liga Luzo-Brasileira composta dos srs. drs Augusto Soares, José Antonio de Freitas, Candido de Figueiredo, Arlindo Correia Leite e Pedro Bordalo Pinheiro, a fim de assinar a circular solicitando a adesão ao seu programa de todos os portugueses amigos do Brasil e de todos os brasileiros amigos de Portugal; de apreciar o grande numero de adesões já recebidas quer de Portugal quer do Brasil.

Notas Mundanas

Clubs elegantes

No Monumental

Este elegante club continua sendo um dos pontos mais elegantes de «rendez-vous», especialmente nas tardes da moda, nos «teas-concerts» e nos jantares ás segundas e sextas-feiras. Igualmente as noites são sempre muito concorridas, vendo-se bastantes pares dançando as mais modernas danças.

No Maxim's

A'manhã é noite da moda neste elegante club, um dos pontos de reunião dos mais concorridos e divertidos. Durante o jantar o sexteto executará um escolhido programa de concerto, seguindo-se as diferentes danças.

Pontos de reunião

No Cinema Condes

Proseguem elegantissimas as «soirées» da moda neste cinema, o mais preferido pelas senhoras da nossa primeira sociedade para os seus «rendez-vous». Hontem conseguimos ver, entre muitas outras senhoras, as seguintes:

Condessa de Arge, D. Sara Burnay Paiva de Andrade, D. Etelvina Falcão, D. Halia Correia Leite e filha D. Dalila, D. Margarida Aguiar, D. Vera Cohen de Bettencourt, D. Mariana Sequeira de Nobre Sobrinho, D. Alice Burnay, D. Berta Falcão Vasques Pereira, D. Carmen Correia Leite Belmar da Costa, D. Lucilia e D. Ester Cisneiro Machado da Cruz (Queluz), D. Ilda de Magalhães Pedroso, D. Ilda Moutinho Machado da Cruz, D. Berta de Sousa Alves e filhas D. Julia e D. Maria Berta, mesdemoiselles Castro Silva, etc.

Agenda

A'manhã o ponto de reunião é na sessão da moda do Chiado Terrasse.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as srs.:

Marqueza de Chaves, D. Palmira de Cardoso Castilho, D. Ana de Sousa Coutinho Soares de Albergaria, D. Fernanda de Lencastre (Louzã) e D. Gracia Maria Pinheiro Lobo Machado (Pindela).

E os srs.:

D. Joaquim Henriques de Lencastre (Alcaçovas), general Antonio Francisco da Costa, Henrique Anjos, Joaquim Leite Ferreira Pinto Basto e Bernardo de Magalhães e Menezes Vilar.

Casamentos

Na paroquial igreja do Sagrado Coração de Jesus realisou-se hoje o casamento da sr.ª D. Licia Monteiro de Sampaio Baptista com o sr. Manuel Alexandre de Castro Prata Dias, tendo a ceremonia decorrido com grande intimidade.

Em viagem

Está em Madrid o sr. João Perestrelo de Vasconcelos.

—Chegou de Coimbra o sr. João Cabral.

ARQUEOLOGIA ALCACERENSE

Uma vila rural romana a descoberto

A fim de levantar a planta das ruinas de uma «vila» rural romana, que o sr. Libertino Martins, importante proprietário da região de Alcacer do Sal, descobriu, excavou e pôz a descoberto na sua Herdade das Barrosinhas, parte ámanhã para essa vila, acompanhado de um desenhador, o sr. dr. Virgilio Correia, conservador do Muzeu Nacional de Arte Antiga.

As propostas do governador da India

O actual ministro das colónias vae resolver sobre as propostas enviadas pelo governador geral da India, ácerca do emprestimo e de modelações de vários serviços, visto que o seu antecessor não se quiz pronunciar sobre elas.

CAMBIOS

	Compra	Venda
Londres cheque	6 1/8	5 7/8
» 90 dias	6 1/4	—
Cambio-Rio s/Londres	8 1/16	—
Paris	850	893
Italia	540	563
Belgica	—	—
Suissa	1760	1845
Madrid	1316	1373
Berlim	160	170
Holanda	—	—
New-York	9674	10296
Desconto do Banco de Inglaterra	7 0/0	—
» mercado livre	—	—
» do Banco de França	—	—
» Banco de Portugal	7 0/0	—
Libras	40000	42000
Agio do ouro	750	900

PROVINCIAS

Em Valença

Uma trovoada violenta

Valença, 25

Sentiu-se ontem nesta vila uma forte trovoada, tendo um raio causado a morte instantanea a um homem e um boi, na freguesia de Ganfei.

Um cunhado e um serviçal da vitima, que junto desta se encontravam na ocasião do desastre (tão juntos que todos estavam sob um carro de bois, recolhendo-se da chuva!) apenas sofreram o abalo, causado pela descarga electrica.

O outro boi (estavam ambos apostos ao carro), ficou tambem incolume.

Um desafio de "foot-ball"

Entre o Aviz Atletico Club, de Viana; e o Racing Foot-ball Club, de Tuy, realizou-se no domingo um desafio nesta vila, tendo o segundo dos referidos clubs ficado vencedor por 4 «goals» contra 1.

A festa da flôr

As Escolas Centrais realizaram, tambem no domingo, a «Festa da Flôr», cujo programa foi o seguinte: Discurso de abertura pelo professor Rodrigues de Oliveira, e uma pequena comedia e monologos, pelos alunos.

A assistencia, que era numerosa, ovacionou todos os numeros executados, tendo a referida festa sido levada a efeito no Teatro Valenciano, que se apresentava vistosamente decorado.

Em Albergaria

Um pedido de casamento

Albergaria, 24

Para o sr. José Augusto Machado, funcionario publico em Africa, irmão dos nossos amigos srs. Manuel Machado, aspirante de finanças, e Columbano Machado, fiscal dos impostos, deste concelho, foi pedida a menina Iréne de Magalhães Campos, gentil filha do conceituado comerciante sr. Manuel de Oliveira Campos, agente do Banco de Portugal nesta vila.

O casamento deve efectuar-se brevemente por procuração.

Em Vila Pouca de Aguiar

Prisão de gatunos

Vila Pouca de Aguiar, 24

Foram presos em Chaves os gatunos que ha dias cometeram um roubo nesta vila.

O preço do milho

O milho, principal alimento da classe trabalhadora, está subindo de preço extraordinariamente. Em consequencia, dentro em pouco ninguem fará obras, nem cultivará os seus campos, porque as geiras sobem em crescendo assustador.

Club sportivo

Fundou-se nesta vila o Foot-ball Club Aguiarense. E' uma das poucas distracções que por aqui se podem gosar.

Em Anadia

Fuga de um gatuno

Anadia, 25

Das cadeias desta vila evadiu-se, ha dias, o gatuno Julio José da Pedra, chefe da quadrilha que fez bastantes e valiosos roubos na Pampilhosa. Estava condenado a pena maxima.

As chuvas

No domingo caiu sobre esta região uma chuva torrencial, que muito veiu beneficiar a agricultura, pois muita falta estava a fazer a agua para as sementeiras.

Parece que o vinho tem toda a tendencia para a baixa de preço, havendo já ofertas, o que ha pouco ainda se não notava.

As obras no estabelecimento de aguas na Curia

Na Curia continuam com actividade as obras do estabelecimento, ficando o salão, depois de concluido, um dos melhores das nossas termas.

Em Coimbra

A constituição do novo governo

Coimbra, 25

Foi bem recbida nesta cidade a noticia de que o sr. dr. Lucio Duque fazia parte do novo governo, pois não foram esquecidos ainda os altos beneficios que, quando tambem sobraçou aquela pasta, prestou ás instituições de beneficencia de Coimbra.

O reitor da Universidade dirigiu telegramas de saudação e felicitações ao presiden e do governo e os directores das faculdades ao sr. ministro da Instrução.

Em virtude da queda do gabinete Bernardino Machado, demitiram-se o governador civil e o administrador do concelho de Coimbra.

A chefia do governo do distrito foi entregue ao governador civil substituto, sr. dr. Mario de Almeida, e para o cargo de administrador do concelho foi nomeado o sr. dr. Abilio Martins Fernandes. Consta que o novo governador civil de Coimbra será o sr. dr. José Cardoso.

Roubo importante

A noite passada e quando regressava de Lisboa, entre as estações de Soure e Alfarelos foi roubada a quantia de 10:000 escudos ao negociante de cereais sr. José Vaz, de Penela.

Condessa de Vinhó e Almedina

O Centro Academico de Democracia Cristã vai realisar no dia 7 de Junho uma sessão de homenagem á memoria da sr.ª condessa de Vinhó e Almedina.

Julgamento

Acusado do crime de ofensas corporais, do que resultou a morte, foi julgado, sendo absolvido, José Lopes, empregado no comercio, de Figueiró dos Vinhos.

Auditorio administrativo

Por sentença do auditor administrativo dêste districto, foi mandado reintegrar no seu lugar de mestre de obras da Camara Municipal de Oliveira do Hospital o sr. Adelino Abrantes Tavares, de cujo lugar havia sido demitido pela comissão administrativa daquela Camara em fevereiro de 1919.

O aniversario da morte do pai do dr. Artur Leitão

O sr. dr. Artur Leitão, para comemorar o aniversario da morte do seu venerando pai, mandou entregar á Associação dos Artistas e ao Montepio Conimbricense Martins de Carvalho, 50$00 a cada.

Em Obidos

Um crime

Obidos, 24

Nos Casais da Areia, freguezia Dos Negros, dêste concelho, envolveram-se em desordem Manuel Fragoeiro, da Sancheira Grande, com Faustino Moreira e Luís Moreira, dos Negros, resultando o Fragoeiro ficar tão maltratado que veiu a falecer ontem á noite no hospital da Misericordia desta vila. Os criminosos evadiram-se, andando a autoridade em sua perseguição, para a sua captura. A autopsia realizou-se hoje. A vitima, que era casada, deixa filhos menores.

Em Arraiolos

Os acontecimentos

Arraiolos, 24

O ultimo movimento militar-politico causou aqui mais estranhesa que comoção.

O desastre da aviação

O desastre de que foram vitimas dois aviadores portugueses, nos arredores de Elvas, causou aqui dolorosa impressão.

O aspecto da agricultura

As searas apresentam, em geral, bom aspecto e os olivais tambem.

—As ultimas trovoadas que embora tardiamente beneficiaram em parte a agricultura já tem causado diversos prejuizos, pois segundo nos consta, numa herdade da proxima freguezia da Gafanhoeira, destruiram quasi por completo uma seara; na herdade das Oliveiras, pertencente ao sr. Eduardo Queiroga, ficaram fulminados diversos porcos; noutra herdade foi incendiada uma cabana, ardendo por completo, e na herdade da Rabasqueira foi um chafariz destruido por um raio.

Um festival academico

a favor dos tuberculosos

Reuniu ontem a Comissão Organizadora do Festival Academico que se realiza no Jardim da Estrela nos dias 11, 12 e 13 do proximo mês. Esta simpatica festa, cujo produto, como se sabe, reverte em partes iguais para os Tuberculosos Militares e fundação de uma grande Associação Protectora dos Estudantes Pobres é promovida por alunos das Escolas Superiores e Secundarias de Lisboa, tendo ontem ficado constituida a Comissão Executiva sob a presidencia do aluno de direito sr. Mario de Gusmão Madeira, a quem deve ser dirigida, para a rua Almirante Barroso, 54, r/c., toda a correspondencia e adesões. A Comissão conta já bastantes ofertas tanto particulares como dos Bancos e principais casas comerciais.

JOIAS de bom gosto tem á venda a firma BARRETO & GONÇALVES, L.da (JOALHEIROS) R. Eugenio Santos, 17

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 27.—Resa-se Infra da Oitava simplex, paramentos brancos, orações como ontem.

LAUSPERENE:—Na Ordem 3.ª de S. Francisco, (a Jesus), pela Pia. União Eucharistica.

FESTIVIDADES.—Sé, ás 11 horas, 12 horas, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8 e meia, missa.

ORDEM 3.ª S. FRANCISCO, (A JESUS), ás 11,30 horas, exposição do Santissimo em Lausperene, com missa solene, por musica; ás 18 horas, Terço de Bemditos, por musica.

MOSTEIRO DA ENCARNAÇÃO—A's 11,30 horas missa solene da reposição do Sagrado Lausperene, por musica.

Exposição da Imagem Senhor Jesus dos Passos, nas igrejas do costume.

MÊS DE MARIA—Nas igrejas onde se faz essa devoção.

MONSERRATE—A's 21 horas, Mês de Maria Por musica.

NA IGREJA SANTA CATARINA—No proximo domingo, 29, realiza-se a festa Santa Rita Cassia, com missa solene por musica, orando o rev. Agostinho da Mota; ás 19,30, sermão pelo mesmo orador, mês e Maria, por musica.

NA IGREJA PAROQUIAL S. JULIÃO—E' recebido o Sagrado Lausperene no dia 29, havendo as seguintes festas: Dia 29, ás 11,30, exposição do SS.mo em Lausperene e festa ao Corpo de Deus, com missa solene, por instrumental, orando o rev. Vacondeus; ás 18 horas, Te-Deum por instrumental. Dia 30, ás 11,30, festa ao Senhor Jesus e Nossa Senhora da Piedade, a expensas da sua irmandade, com missa solene por musica, orando o rev. dr. Santos Farinha; ás 18 horas, Terço de Bemditos, por musica. Dia 31, ás 11,30, festa ao Patrocinio S. José, com missa solene, por musica, concluindo com a benção do SS.mo.

CAPELA DA PIEDADE, em Santarem — A's 12 horas, festa á Senhora da Piedade; ás 20 horas, sermão, sendo orador o rev. Padre Antonio de Almeida, de Obidos, e Ladainha Te-Deum, por instrumental.

Pinto & Sotto Maior
BANQUEIROS
LISBOA — Rua do Ouro, 18, 22
PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Depositos á ordem e a prazo
Contas correntes em moeda nacional e estrangeira
Saques sobre o paiz e estrangeiro
Descontos e transferencias
Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

N.º 8 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 26-5-921

Português dos velhos tempos

Novela por Aquilino Ribeiro

IV

A' del-rei, mais á del-rei! Junta-se ali meio mundo, e o regedor dá-me voz de preso. Eu podia ter largado, mas como quem não deve não teme, estaquei a pé firme. Bem mal fiz, porque alem de não haver uma só criatura, nem a Ingelca, a grande zarga, que me desse razão, as mulheres, principalmente, vendo o alagastro de sangue, assanharam-se de tal feitio que cuidei não socegarem antes de me cortar a alma aos bocadinhos... Tão desesperado me vi que estive para agarrar num estadulho e, perdido por cinco perdido por dez, esparralhar aquela gente á paulada. Afinal maluquei para comigo: »Antonio, o teu pior inimigo é a fama que em má hora grangeaste de bulhão e de matador. E' em nome dessa fama que o ladrão que derrubaste a teus pés em boa e legitima defesa se tornou em pobre de Cristo, destes viandantes dos caminhos que vão de terra em terra sem fazer sombra, e tu não passas dum facinora, que anda ás soltas. Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele, e tu vestiste a pele do lobo. Não te queixes da injustiça dos homens, queixa-te do teu genio que é assomadiço e falho de humanidade. Assim considerando vieram-me duas lagrimas aos olhos, e, deixei-me conduzir como um cordeiro entre quatro cabos patudos para a cadeia de Moimenta.

Não foi dificil ao sr. abade Sá, que era meu amigo, prova a minha pouca ou nenhuma culpa no bréquefesta de Segões. Mas foi uma dos diabos, porque o Capa-cavalos esteve com os pés para a cova e a avaria custou um bom par de vintens que do corpo me sairam. E não foi tudo. Volto para casa: Brizida, qué dela. De inculca em inculca, vou dar com a pobre, mais mirradinha que as palhas, em casa da Vicencia da Cerdeira, que era tia dela, por banda da mãe. Tirá-la dali para fóra, não havia tremenhos. Que a deixasse, não queria mais viver com um malvado que, se Deus existisse, tinha que acabar nas Pedras Negras. Que não e não. Arrepelei-me, ameacei, supliquei. Afinal, depois de muito malhar e de vir em pessoa o sr. padre João convencê-la do desproposito, lá anuiu em tornar para casa se, por alma de meu pai e minha mãe lhe jurasse... Eu lhes digo o que me fez jurar, para que vossorias saibam que, ainda que mulher, não era parva, nem mal pensada.

—Juras, Antonio, nunca mais entrares em adjuntos que é lá que o demo as arma?

—Juro.

—Juras nunca mais pensar em feira ou romaria senão o tempo cabonde para atar negocio?

—Juro.

—Juras nunca mais te tomares de vinho, nem jogares, nem ter pacto com outra mulher, seja ela casada ou solteira?

—Juro.

—Juras nunca mais trazeres contigo arma, faca, ou mesmo pau que seja?

—Não, mulher, isso não juro eu. Tenho muitos inimigos e, morrer por morrer, primeiro rebentem eles.

—Então nada feito.

—Pois fica-te com o diabo que te leve. O que tu me pedes é a perdição. Mas deixa, assim o queres, assim o tenhas. Hoje mesmo abalo para o Senhor dos Caminhos e ou o tenente da Cruz me mata ou eu o mato.

—E's o cabo dos trabalhos—tornou ela, mais branda.—Estou a ver chegar o dia em que seja preciso ir buscar-te num lençol. Antonio, homem do meu coração, porque não me hás-de fazer tu a vontade? Porque teimas em correr para a tua desgraça e a minha?

—Tenho o genio mau, tenho, minha Brizida adorada—respondi eu a chorar, que os olhos dum homem não foram só feitos para ver—negá-lo seria negar a Deus Nosso Senhor, mas que queres, a gente nasce feita, não se faz. Mas, ouve, mulher, de hoje em diante eu te prometo trazê-lo amordaçado mais amordaçado que um cão vezeiro no morder.

—Promete-me só que nunca mais andarás de faca? Promete...?

—Isso não te prometo. Mas prometo-te nunca mais a tirar da cinta, senão em risco de morte.

—Não basta, Antonio, não basta. Não te metas tu com os outros que ninguem se mete contigo. Têm-te medo!... ora diz, alma do Senhor, não será mais bonito passar por homem de respeito, homem de paz, topares os caminhos desimpedidos como um inocentinho que vai ao seu recado, que andares assim receiado e receioso, á mercê duma bala que te vire numa encruzilhada? Ora dize lá...?

(*Continúa*)

NO ESTRANGEIRO

A ALTA SILESIA

A resposta de Witos

O presidente do conselho polaco responde, com calor, ao ultimo discurso de Lloyd George

Um esquecimento do primeiro ministro inglês—O que diz a "Enciclopedia Britanica" —O direito reconhecido da Polonia — Os polacos combateram contra os aliados e contra a sua vontade—Uma saudação á França

O presidente do conselho polaco, Witos, pronunciou na camara um discurso em resposta a Lloyd George, do qual extraimos o sentido:

O senhor Lloyd George esqueceu-se de lêr no volume 25, pag. 90, da Enciclopedia Britanica, da edição de 1911, a seguinte passagem a respeito da Alta Silesia:

A éste de Doers, polacos, cujo numero varia além de um milhão, formam a maior massa da população.

Não levou em conta, o esforço fácil de verificar em todos os manuaes históricos, que a Alemanha tem feito para destruir a população polaca e substituir-lhe a alemã, sendo o amôr á Pátria que até hoje tem tornado inuteis todos os seus esforços para aniquilar o caracter polaco dos habitantes da Alta Silesia.

Esqueceu-se do direito reconhecido á Polónia, segundo os principios de Wilson, em 16 de Junho de 1919, pelos delegados aliados, entre os quaes se encontra Lloyd George, com o qual brigam as suas opiniões actuaes.

Rectifica a relação de 6 para 4, apresentada por Lloyd George, dizendo que a verdadeira relação do numero de votos alemães para o numero de votos polacos é de 3 para 1.

Nega a aserção de Lloyd George, de que os polacos queiram pôr o Conselho Supremo deante dum facto consumado.

Demonstra que se os polacos combateram contra os aliados, foi contra vontade, e que a responsabilidade pertence áqueles que de todos os tempos, abusando da força, têm usado as forças polacas para servir os seus interesses, desnorteando a população que tem o direito de ser livre.

Afirma que a Polónia quer que tudo se realize em harmonia com o tratado de Versailles e mostra que os esforços do governo já conseguiram restabelecer a paz em muitos pontos e terminou a greve.

Acaba saudando o governo francez, saudação recebida entre aclemações por toda a camara.

NO LITORAL DO MAR DE MARMARA

A deportação dos cristãos

CONSTANTINOPLA, 26.

O governo de Kemal ordenou a deportação de todos os cristãos do litoral do Mar de Marmara. Numerosas pessoas são afectadas por esta medida e têm-se dado scenas de despedida, analogas ás que seguiram o decreto semelhante dos jovens turcos durante a guerra.—(R.).

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos presados assinantes que começámos a mandar para o correio os recibos das suas assinaturas referentes ao 1.º trimestre. A todos pedimos o favor especial de os satisfazerem logo que lhes sejam apresentados pelo correio, evitando assim a sua devolução e, consequentemente, novas despesas de cobrança com o seu novo envio.

A ADMINISTRAÇÃO

UMA ATITUDE

Os Estados Unidos e a Alta Silesia

O que escreve a imprensa norte-americana

E' necessario impedir que se realise a união entre a Alemanha e a Russia

NEW YORK, 26.

A imprensa americana continua a ocupar-se da atitude do governo dos Estados Unidos nos assuntos europeus e sobretudo num assunto de tanta actualidade, como é o da Alta Silesia.

A «New York Tribune» lamenta a negativa do secretario de Estado, Hughs, em participar na resolução da questão da Silesia.

«A Polonia, diz este jornal, deve impedir que se realise a união entre a Alemanha e a Russia. Se se deseja que ela cumpra este dever, devem-na fazer economicamente, independente. Deve possuir hulha, ferro, uma entrada para o mar e, por conseguinte, participar nas riquezas minerais da Alta Silesia, sobretudo nos distritos habitados por maioria polaca».—(R.).

O ULTIMO DISCURSO DE BRIAND

BERLIM, 26.

A imprensa alemã comenta favoravelmente o discurso de Briand, afirmando que mostra uma renuncia da politica da fôrça que parecia animar o primeiro ministro francês, logo desde o começo do seu governo.—(R.).

EM LEIPZIG

O julgamento dos culpados de guerra

Assistem ás audiencias oitenta jornalistas

Um soldado de nome Haynon acusado de maltratar os prisioneiros de guerra

BERLIM, 26.

Começaram já em Leipzig, perante o segundo tribunal de justiça, os julgamentos dos culpados de guerra, assistindo, entre outras pessoas, oitenta jornalitas.

Chegaram da Inglaterra dois membros da magistratura, que sustentam a acusação.

O primeiro acusado a ser julgado foi um soldado, chamado Haynon, que se apresentou elegantemente vestido. Foi acusado de ter maltratado os prisioneiros de guerra, que feria de pontapés e com a culatra das suas espingardas.

Na sua declaração, disse que não tinha feito senão seguir as ordens dos seus superiores, de tratar com a maior severidade os prisioneiros.

Dirigindo-se ao presidente, exclamou: «Se o senhor tivesse sido soldado, teria certamente feito o mesmo».

As testemunhas, que eram todos soldados ingleses ex-prisioneiros, os quais repetiram que se viam obrigados a trabalhar nas minas, a que se recusavam, porque não queriam realisar um trabalho contrario aos interesses do paiz.—(R.).

A CASA DE DOORN

O fim dum imperador

Ao ex-kaiser é interdita a venda do parque da propriedade que habitou apoz a guerra

A população da cidade, alarmada, reclama junto da Camara Municipal contra a resolução de Guilherme II por julgar ficar privada dum dos seus maiores prazeres: o ter de deixar de passear nas suas alamedas

Guilherme II quiz vender o bosque que rodeia o parque particular da sua casa de Doorn e que, sendo publico, era o mais magnifico passeio dos habitantes da cidade.

Tinha dividido em talhões que se adequassem á construção dec halets, de casas de habitação e de comercio.

Os habitantes alarmados, começaram a tratar do assunto e a camara municipal, tendo em conta a vontade do povo, acaba de notificar ao ex-imperador que a realização do projecto, tal como o desejava lhe era interdita, pois a população da cidade não queria ficar privada dum dos seus maiores prazeres.

Guilherme II, que estava certo de encontrar bons compradores, perdeu as ilusões.

Eis onde chegou o homem que ontem mandava num dos mais fortes povos, que qual outro Alexandre, queria levar á conquista do mundo: nem já póde dispôr livremente daquilo que lhe pertence.

Vae victis! já disse Breno a Roma depois que as legiões passaram sob o jugo!

A MODA

Sapatos com penas de pavão e doutras aves

PARIS, 26.

Os sapatos de senhora mostram este ano modas extraordinarias, segundo se pode observar no «Course de La Reine». Muitos são feitos de penas de pavão, combinadas muito artisticamente; outros de plumagém de escarlate de flamengo e de outras variadas aves.—(R.).

Um principe indiano amador de "box"

Treina-se no Hotel Ritz de Paris e vai á America assistir ao "match" Carpentier

PARIS, 26.

Aga Kahn, um dos maiores principes da India, é um grande amador de box e todas as manhãs se treina no pateo do hotel Ritz com o seu professor francês, onde se diverte e diverte todos que o vêem das janelas, fazendo «sport» durante bastante tempo. O principe, apesar de ter quarenta e seis anos, era um dos melhores amadores de box que estão actualmente em França. Tenciona embarcar brevemente para a America, para assistir ao «match» entre Dempsey e Carpentier.—(R.).

DR. JOÃO CAMELO
ADVOGADO
Rua Eugenio Santos, 9, 2.º

DE INGLATERRA

Resoluções do almirantado britanico

O uso de petroleo, com combustivel, nos navios de guerra

(Serviço especial para o DIARIO DE LISBOA)

LONDRES, 26.

Na Camara dos Comuns, o Lord do Almirantado, fez importantes declarações ácêrca das resoluções do almirantado britanico, que está disposto a construir navios que apenas usarão petroleo como combustivel. Tenciona-se tambem, num curto praso de tempo, que todos os navios da esquadra ingleza estejam adaptados a só usar aquele combustivel.—(U. P.)

O major Powell e os polacos

A Inglaterra exige explicações

LONDRES, 26.

Os inglezes exigiram satisfações e desculpas pelos maus tratos que o major Powell, membro da comissão inter-aliada, sofreu por parte dos polacos.—(U. P.)

Terminou a greve mineira

LONDRES, 26.

Seiscentos mineiros de Madeley, voltaram ao trabalho, submetendo-se ás condições antigas.

NA ALTA SILESIA

E' sustada a ofensiva alemã

Quando se fará a intervenção dos aliados?

LONDRES, 26.

A ofensiva alemã na Alta Silesia, foi sustada, mas o correspondente do «Times» diz que as forças irregulares alemãs fizeram saber que se os aliados não intervierem rápidamente para manter a ordem, as suas operações continuarão—(U. P.)

A censura aos jornais

BERLIM, 26.

No distrito de Duesseldorff foi imposta a censura sobre os jornaes tratando da questão da Alta Silesia.—(R.)

O PROGRAMA DE HOJE

A VII Conferencia Internacional de Comercio

O almoço na legação francesa — O sr. Paul Delombre relata a sua tese sobre a Participação nos lucros — O "Garden-Party" em S. Pedro de Alcantara

Efectuou-se hoje pelas 13 horas, na legação francesa o almoço oferecido pelo ministro daquele paiz aos seus compatriotas que vieram tomar parte na Conferencia Inter-Parlamentar de Comercio.

Assistiram os srs. Pompei, Larbarthe, Guiboni, Delombre, Chaumet, Macieira, Simonori, comandante Millet, E. Eudé, Dovin, Guillaume, Touzet, Coyba, Edmond Morel, Giral, André Delombre, Monjon, William Martin, ministro da França no nosso paiz, Melo Barreto, Gonçalves Teixeira e dr. Henrique de Vasconcelos.

O sr. Melo Barreto tinha á sua direita o sr. Chaumet, presidente da missão francêsa e á sua esquerda mr. Delulne, antigo ministro do Comercio. A' direita do ministro da França sentou-se o sr. Gonçalves Teixeira e á esquerda o sr. dr. Henrique de Vasconcelos. O almoço decorreu animadamente, trocando-se afectuosos brindes com todos os convivas.

A segunda sessão

A' hora do nosso telefonema, estão chegando á Camara dos Deputados os congressistas que vão tomar parte na sessão plenaria, em que devem ser discutidas duas teses: uma sobre cambio e circulação fiduciária, relatada pelo sr. Raphael Georges Levy, senador e membro do Instituto, e outra sobre participação nos lucros, relatada pelo sr. Paul Delombre, antigo ministro do comercio de França.

A's dez horas, reuniram as comissões, no Senado, em trabalhos de gabinete, a fim de examinarem as conclusões das teses.

A segunda sessão da Conferencia Inter-Parlamentar do Comercio principiou as 15,15, sendo presidida pelo sr. Melo Barreto e secretariado pelo sr. Eugenio Reis e Baltazar Teixeira. O sr. Melo Barreto disse depois á assembleia as teses que se vão relatar.

O sr. Paul Delombre leu então o seu trabalho sobre a «Participação dos Lucros», devendo ainda hoje ser lida a tese respeitante a «Cambio e Circulação Fiduciaria» que foi elaborada pelo sr. George Lewy e que será lida por qualquer membro da missão francêsa, em virtude daquela individualidade não ter podido vir a Lisboa.

Em S. Pedro d'Alcantara

No jardim de S. Pedro de Alcantara, realizou-se hoje, pelas 17 horas, o «garden-party» oferecido pela Associação Comercial aos membros da Confefrencia Inter-Parlamentar do Comercio. No taboleiro inferior do jardim, em pequeninas mesas de que os convivas rapidamente se apoderam, alinhavam-se curiosos specimens de ceramica portuguesa, feitos propositadamente para a festa, e copos antigos e pequeninas colheres feitas de folha, rudemente talhadas. Assistiram ao «garden-party» os srs. Tomé de Barros Queiroz e minstros do comerco e estrangeiros.

Pouco depois das 18 horas deu-se principio ao programa que foi calorosamente aplaudido pelos membros das comissões e pelas inumeras senhoras que enchiam o recinto. No pequeno palco que estava armado ao fundo do jardim, as nossas principais actrizes cantaram algumas canções portuguesas que agradaram imenso a toda a assistencia.

Serviu-se depois o chá que foi acompanhado por doces portugueses.

Apreciação do sr. Rafael Georges Levy, senador e membro do Instituto, sobre a situação cambial de Portugal

Portugal apresenta-nos um espectaculo semelhante ao de outros países, logo a seguir á guerra, o dum aumento consideravel de circulação.

O Banco de Portugal, em 1 de julho de 1914, emitiu 82 contos, em 31 de dezembro de 1919, 370 contos, em outubro de 1920, 470 contos.

O escudo vale, ao par, 5.56 francos em moeda francesa, 53 1[4 pences em moeda inglesa.

Em começos de janeiro de 1919 ele ainda estava cotado a 34 pences; um ano depois baixou para metade e não valia senão 17 pences.

Em principios de janeiro de 1921, desceu para 6 pences, seja 1 franco e 50.

Durante a guerra, o comercio externo de Portugal com a Inglaterra apresentava um total pouco mais ou menos igual á exportação e á importação. Em 1918 e 1919 as exportações de Portugal para a Inglaterra atingiram 10 e 12 milhões de libras esterlinas, contra 4 e 8 milhões sómente de importação; mas em 1920, durante os nove primeiros meses, a situação foi alterada e as importações, que se elevaram a 14 milhões de libras, ultrapassaram as exportações, que não foram senão de 8 milhões.

O banquete oferecido pela Associação Comercial

A Associação Comercial de Lisboa, na sua qualidade de Camara de Comercio, oferece um banquete aos membros da Conferencia Parlamentar Internacional do Comercio.

Aquela corporação recebeu para esse efeito valiosas adesões. No numero destas conta-se a Companhia de Vinhos e Azeites de Portugal, com sede na rua da Emenda, que teve a gentileza de oferecer á Associação Comercial de Lisboa os vinhos tintos e brancos necessarios para servir no banquete.

A visita dos delegados á conferencia á cidade do Mondego

COIMBRA, 26. — O nucleo de delegados á conferencia internacional de comercio que visita Coimbra, deve chegar aqui no dia 30 do corrente.

Haverá recepção na Camara e na Universidade e a Associação Comercial oferecer-lhes-ha um banquete nesse dia. Visitarão Penacova, onde a Sociedade de Defeza de Coimbra lhes dará almoço, regressando a Lisboa no dia 31.

A RUA

Uma partida de "apaches"

Um pobre pacóvio, que regressou ha pouco de Aranhos, concelho de Penamacôr, deixou que dois individuos o abordassem quando seguia tranquilamente pela rua de S. Julião. Era já noite escura e, como na rua ão passassem outras pessoas, áquela hora, um dos desconhecidos pediu-lhe fosforos para acender o cigarro, emquanto o seu cumplice lançava ao nariz do saloio um pano embebido em qualquer liquido narcotico que o insensibilisou. Quando recuperou os sentidos, o infeliz viu de novo a rua deserta, verificando, ao apalpar-se, que os desconhecidos lhe haviam levado a carteira com 150 escudos, das suas economias, facto de que se queixou á policia, declarando chamar-se Francisco Salvador da Costa.

Apreensão de um motor

A policia judiciaria militar averiguou ha tempos que um soldado que se encontra preso por ter cometido um sem numero de roubos, por meio de arrombamento, no quartel de Campolide, estando preso, por isso, no presidio de Caxias, era tambem o autor do roubo de um grande motor electrico, no valor de alguns milhares de escudos, pertencente ao industrial, sr. Francisco Stella, de Caxias.

O motor, porém, não aparecia e, como um alferes da citada policia militar se compenetrasse da insuficiencia da sua pericia, requisitou, para seu auxiliar, um agente da policia de investigação criminal. Dêste modo, nomeado para êsse trabalho o habil agente Borba, no mesmo dia em que este meteu mãos á obra conseguiu descobrir o motor em casa de um comerciante que o comprara e que, ao ver o arguto policia entrar-lhe em casa, lhe declarou, ao saber do que se tratava, que de facto tinha o aparelho em seu poder.

O motor foi apreendido e conduzido para o Governo Civil.

PERFUMES
CRENOVILLE

CARTAZ

S. Carlos—A's 21, a operta «Rip».
Nacional—A's 21-15, «Simonne».
S. Luis—A's 21, «O Reisinho».
Trindade—A's 21, «O Pescador de perolas».
Gimnasio—A's 21-30, «Adão e Eva».
Apolo—A's 21,30, «Porto, tantos de tal...»
Avenida—A's 21, «A Dama das Camelias».
Politeama—A's 21,15, «Amor de apaches».
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30, «Trolaró».
Coliseu dos Recreios—A's 21,15, Companhia Great Carmo. Recita de accionistas.

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.
SALÃO IDEAL—Rua do Loreto.

Ultimas Noticias

NA AUSTRALIA

As chuvas e o ano agricola

SIDNEY, 26.

Tem havido grandes chuvas na Australia, que têm beneficiado extraordinariamente esta região, esperando-se um ano muito próspero.—(U. P.)

NO SUDÃO

As obras de irrigação

CAIRO, 26.

As obras de irrigação no Sudão, foram suspensas por falta de dinheiro, e «sir» Murdoch Macdonal, pediu a demissão de conselheiro e sub-secretário das obras publicas do Egipto.—(U. P.)

DOS ESTADOS UNIDOS

As perturbações do velho mundo

Uma frase do presidente Harding

NEW-YORK, 26.

O presidente Harding, discursando nesta cidade, e referindo-se aos esfrços dos Estados Unidos, para evitar imiscuir-se nas perturbações do Velho Mundo, disse:

«Nós nunca pudémos e nunca poderemos manter-nos absolutamente isolados».—(U. P.)

A ilha de Yap e a nota japonesa

Uma conferencia

WASHINGTON,, 26.

A nota japoneza, enviada aos Estados Unidos ácêrca da ilha de Yap, pede que este assunto seja resolvido numa conferencia sómente entre os Estados Unidos e o Japão.—(U. P.)

O novo governo

A oficialidade da guarda fiscal saúda o sr. Tomé de Barros Queiroz

A oficialidade da guarda fiscal da circunscrição sul, acompanhada do seu comandante, cumprimentou hoje o sr. presidente do ministerio e ministro das Finanças. O sr. coronel Aguiar, saudando o sr. Barros Queiroz, garantiu-lhe a lealdade e dedicação da guarda fiscal pela Republica e aprveitar a oportunidade para chamar a atenção do sr. ministro para o estado deficiente e deploravel em que se encontram as instalações da guarda fiscal na fronteira, contrastando com as da corporação congenere espanhola. O sr. Barros Queiroz agradeceu as saudações da guarda fiscal, com cujo tradicional patriotismo e comprovado republicanismo contava e prometeu tomar na devida consideração as reclamações formuladas pelo coronel sr. Aguas. O chefe do governo foi tambem cumprimentado pelo conselho superior de finanças, pelo conselho de administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e pelo sr. Machado Santos em nome da Federação Nacional Republicana.

O governo apresentou hoje os seus cumprimentos ao Chefe do Estado

Os membros do governo foram esta tarde á residencia particular do Chefe do Estado apresentar-lhe os cumprimentos da praxe.

Os oficiais da 1.ª divisão cumprimentam o sr. ministro da Guerra

Os oficiais da 1.ª divisão do exercito, do campo entrincheirado e dos estabelecimentos militares foram hoje cumprimentar o sr. ministro da Guerra, apresentando-se em grande numero e manifestando a sua lealdade pela instituições. O general sr. Alberto da Silveira agradeceu com palavras muito honrosas para o brio do exercito.

O pessoal do gabinete do ministro da Agricultura

Pessoal do gabinete do sr. ministro da Agricultura: chefe, Melo e Sabo; secretario, Dias Ferreira e Calixto Morgado.

No ministerio do Comercio

Vão ser convidados para prestarem serviço das suas especialidades no gabinete do ministro do comercio, o deputado sr. dr. Sousa Varela, o major do estado-maior sr. João José Pereira Damasceno, e o engenheiro pela Universidade de Berlim, sr. João Nunes Correia.

OURO compra por alto preço
"A Realidade,,
Rua Eugenio Santos, 44

Os maritimos de Setubal pedem ao ministro da Marinha que resolva a questão dos cercos

Uma comissão de maritimos de Setubal procurou hoje o sr. ministro da Marinha, pedindo-lhe para resolver a questão dos cercos e das armações de pesca naquela costa.

E' criado o lugar de secretario do Conselho Legislativo de Cabo Verde

Foi criado o lugar de secretario do Conselho Legislativo de Cabo Verde, sendo nomeado para o desempenhar o sr. José Maria Rodrigues.

O comissario interino dos abastecimentos conferenciou com o ministro da Agricultura

Com o ministro da Agricultura teve o sr. Falcão Trigoso, comissario interino dos Abastecimentos. Tratou-se de varios assuntos de subsistencias e organisação de serviços.

NA FONTE VELHA

Uma mina de ouro que vai ser explorada

O sr. A. Teixeira da Silva esteve recentemente em Charneca de Caparica tratando dos trabalhos iniciais para a exploração da mina de oiro da Fonte da Velha. A população da localidade recebeu-o com entusiasmo, porquanto a exploração da mina representa um grande beneficio para os seus habitantes, pelo ganha-pão que dará a muitos deles.

A miseria em Cabo Verde

Contribuições prorrogadas

Em virtude da miseria que atravessa actualmente a população de Cabo Verde, foi determinado que o prazo para a cobrança voluntaria das contribuições seja prorrogado até 15 de Janeiro de 1922 e que sejam suspensas as execuções fiscais por debito de contribuições atrazadas.

LENHAS
Cortadas para fogão e postas á porta do comprador
Cêpa, azinho e sobro, secos a **100$00** a tonelada. Pinho a **90$00** a tonelada. Peso garantido.
Rua da Junqueira, 200
Telefone C. 1682